

A EXPRESSÃO
DAS EMOÇÕES

LED
VIAGEM AO
INTERIOR NUM
COMPUTADOR

MÁRIO MONTENEGRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Este volume reúne os textos *A expressão das emoções* (2014) e *LED - Viagem ao interior num computador* (2006), duas peças inspiradas em temas científicos, escritas e encenadas por Mário Montenegro. Em ambos os casos estamos perante uma escrita que experimenta e abre caminhos no diálogo entre a arte e a ciência, no primeiro caso, especulando sobre a classificação das emoções humanas, que começou por ser ensaiada por fisiologistas e naturalistas do século XIX; no segundo caso, convocando o funcionamento interno de um computador digital, um aparato que surgiu do século XX e veio redefinir as fronteiras da experiência humana. O processo de criação passou pela colaboração entre investigadores e artistas, confirmando o lugar único que tanto o autor como a companhia Marionet ocupam em Portugal no âmbito do teatro de tema científico.

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES

LED VIAGEM AO INTERIOR NUM COMPUTADOR

MÁRIO MONTENEGRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

WWW.UC.PT/IMPRESA_UC/CATALOGO/DRAMATURGO

DIRETOR *MAIN EDITOR*

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS *ASSOCIATE EDITORS*

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONSELHO EDITORIAL *EDITORIAL BOARD*

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão TEATRO DO BAIRO ALTO

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brilhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES ⁷

LED
VIAGEM
AO INTERIOR NUM
COMPUTADOR ⁶³

POSFÁCIO ¹¹⁹

COORDENAÇÃO EDITORIAL
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
E-MAIL imprensa@uc.pt
URL www.uc.pt/imprensa_uc
VENDAS ONLINE livrariadaimpresa.uc.pt

CONCEÇÃO GRÁFICA
Imprensa da Universidade de Coimbra

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO
Cláudia Morais

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Finepaper

ISBN
978-989-26-1654-4

ISBN DIGITAL
978-989-26-1655-1

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1655-1>

© SETEMBRO 2018
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES

Texto de Mário Montenegro

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES estreou a 25 de novembro de 2014, no Teatro da Cerca de São Bernardo em Coimbra, com produção da Marionet.





DISCUSSÃO E IDEIAS Beatriz Dias, Dara Couceiro,
Guilherme Lima, Inês Almeida, Marcos Marques,
Mário Montenegro, Miguel Silva, Paula Rita Lourenço,
Pedro Andrade, Teresa Girão, Susana Paiva

INTERPRETAÇÃO Beatriz Dias*, Dara Couceiro*, Guilherme
Lima*, Marcos Marques, Mário Montenegro, Miguel
Silva*, Paula Rita Lourenço

TEXTO E ENCENAÇÃO Mário Montenegro

ESPAÇO CENOGRÁFICO, FIGURINOS, ADEREÇOS E IMAGEM

Pedro Andrade

ORIENTAÇÃO DO LABX – LABORATÓRIO EXPERIMENTAL DE
FOTOGRAFIA Susana Paiva

BANDA SONORA ORIGINAL Marcelo dos Reis

ILUMINAÇÃO E DIREÇÃO TÉCNICA Mafalda Oliveira

FOTOGRAFIA DE CENA Francisca Moreira

PENTEADOS Carlos Gago – Ilídio Design

PRODUÇÃO EXECUTIVA Teresa Girão

*ESTAGIÁRIOS - ALUNOS DO CURSO PROFISSIONAL DE ARTES
DO ESPETÁCULO DO COLÉGIO DE S. TEOTÓNIO

PARTICIPANTES NO LABX Ana Botelho, Andresa
Olímpio, Cláudia Duarte, Mafalda Crisóstomo,
Manuela Grazina, Maria Inês Duarte, Mirian Aires,
Mónica Tomaz, Sandra Fonseca, Ricardo Carvalhal
e Rodrigo Reis

APOIOS Bonifrates, CITAC, Fundação Bissaya Barreto,
Ilídio Design Cabeleireiros, MAFIA – Federação Cultural
de Coimbra, Rádio Universidade de Coimbra, Rómulo
– Centro de Ciência Viva da Universidade de Coimbra,
Teatro da Cerca de São Bernardo, Teatro Maria Matos,
TEUC

A MARIONET É UMA ESTRUTURA FINANCIADA PELA Câmara
Municipal de Coimbra

-1. Calibração

O objetivo deste primeiro momento é realizar uma calibração de emoções. É uma dupla calibração em simultâneo: calibrar, para o público, a expressão de emoções dos atores no dispositivo que é o palco teatral, e calibrar as emoções dos voluntários da experiência que decorre na peça.

O método será o de estabelecer a expressão mínima, “normal” e máxima para cada uma das seis emoções consideradas básicas (alegria, tristeza, nojo, medo, fúria, surpresa). Para isso colocar-se-ão alinhados os atores e os elementos do público que queiram participar nesta calibração. Os elementos do público poderão ser usados pelos atores como referência da expressão “normal”, a partir da qual serão extrapolados os mínimo e máximo.

Um dos investigadores orientará a calibração, dando indicações aos intervenientes quanto às emoções a exprimir e respetivas intensidades, utilizando cartões (ou outro suporte) com as emoções escritas e regulando a intensidade utilizando um braço (ou dois), subindo e descendo, à semelhança de um maestro.

O conjunto destas pessoas constituirá um coro de expressão de emoções. É importante que a indicação de quais as emoções a expressar não sejam vistas pelo público.

0. Argumento das emoções do espetáculo

Com o coro emocional criado na cena -1, é expresso o argumento das emoções do espetáculo, ou seja, a sequência integral das emoções essenciais que o atravessam. De modo semelhante à cena anterior, os nomes das emoções estarão previamente escritos em cartões e serão mostrados um a um, em sequência, pelo “maestro”, que controlará igualmente as variações de intensidade expressiva.

Uma sequência de emoções possível para o argumento emocional da peça (de cima para baixo e da esquerda para a direita):

ANSIEDADE	REFLEXÃO	CIÚME
PREOCUPAÇÃO		RAIVA
RECEIO	SERENIDADE	
	ENTUSIASMO	DESEJO
ALEGRIA		SURPRESA
SURPRESA	CURIOSIDADE	ESPANTO
	DESAFIO	MEDO
CONFIANÇA	ENTUSIASMO	DESESPERO
ENERGIA	EMBARAÇO	CONFUSÃO
ENTUSIASMO	TRISTEZA	REVOLTA
SIMPATIA		RAIVA
	INTERESSE	
VERGONHA	ENTUSIASMO	ARREPENDIMENTO
NOJO	PREOCUPAÇÃO	REVOLTA
	DESAFIO	DESOLAÇÃO
NEUTRO	DESCONFIANÇA	DESPREZO
RECEIO	DESPREZO	
DÚVIDA		RAIVA
ENTUSIASMO	ACEITAÇÃO	SOFRIMENTO
	CONFIANÇA	TRISTEZA
TRISTEZA	ALEGRIA	SOLIDÃO
COMPAIXÃO	PRAZER	
	EUFORIA	INTERESSE
INTERESSE		CONCENTRAÇÃO
CONCENTRAÇÃO	CURIOSIDADE	REFLEXÃO

1. Ansiedade

Diálogo sussurrado nos bastidores. Amplificado.

ANA. MERDA!

JOÃO. Shiuuu, tem calma, respira.

A. É muita gente. Não consigo.

J. Não penses nisso. Concentra-te no que tens para dizer. Respira.

A. *(Várias inspirações e expirações intencionais. Sonoras.)* Merda.

J. Calma.

A. Não me lembro. Não me lembro do que vou dizer.

J. Tem calma, está tudo aí dentro. Respira fundo. Quando chegar o momento vais ver que surge tudo.

A. Não me lembro de nada, que estupidez, que estupidez.

J. Chegas lá e dizes “boa noite”.

A. “Boa noite”...

J. E depois apresentas-te.

A. Apresento-me... Como?

J. Dizes o teu nome, o que vieste aqui fazer, enfim, o habitual. Estás farta de saber.

A. O que é que eu vim aqui fazer?

J. Tem calma, relaxa. Arqueologia das Emoções, lembra-te?

A. Claro, que estupidez, Arqueologia das Emoções.

J. É isso. E segues em frente.

A. Não consigo. Vai tu.

J. Nem pensar. Respira e pensa nas outras vezes todas. Já devias estar habituada.

A. Pois devia... Mas não consigo.

J. (*João beija Ana.*)

A. O que foi isso?

J. Um beijo.

A. O que é que significa?

J. Para já, boa sorte.

A. Para já?

J. Vá respira e avança. Já tens luz.

A. Luz? Qual luz?

J. Luz no local onde vais falar.

A. Ai tem uma luz?

J. É para se ver melhor, a sala é escura.

A. Vão todos ver que estou nervosa. A transpirar.

J. Vá lá, agora tens de ir.

A. Oh meu Deus... Oh meu Deus...

J. Não te sabia tão religiosa... Vá, boa sorte.

A. Obrigada. Oh merda, não devia ter agradecido, dizem que dá azar.

J. Isso é só no teatro.

A. Ah é?

J. Sim, vai lá, força! Muita merda!

A. É o meu medo.

2. Tristeza + compaixão

Representação espacial e em grupo de cenas destas emoções. Com ou sem discurso, resultado de improvisos ou a partir de textos, fica ao critério de quem faz/encena. É essencial que no final restem em cena objetos/artefactos como resultado dessa representação das emoções.

3. Entusiasmo

Poderá existir um suporte do tipo Powerpoint ou Prezi para a apresentação que se segue.

ANA. Boa noite. O meu nome é Ana, sou investigadora do Centro de Análise Emocional e Comportamental, e venho falar-vos de Arqueologia das Emoções.

O que é Arqueologia das Emoções?

Apesar de ser um campo de investigação recente, existem já várias correntes que se dedicam, de modo genérico, a identificar emoções em vestígios do passado e a explorar os aspetos sociais, culturais e históricos associados a essas emoções. Vou ilustrar com um exemplo: enquanto aguardava ali nos bastidores que chegasse o momento da minha comunicação, estava tão ansiosa que fui amarrotando as folhas da minha apresentação. Imaginemos que daqui a 50 anos, numa escavação a este local onde nos encontramos hoje, descobrem estes papéis que, entretanto, deitei fora (*Amarrota e atira papéis para o chão*). O trabalho de um arqueólogo das emoções seria a de recuperar essa ansiedade que senti (e, na verdade, ainda sinto) a partir deste papel amarrotado, e através do contexto do local, datação e também do conteúdo escrito, inferir o ambiente de ansiedade existente num contexto como este, de apresentação pública de um trabalho científico.

Em que consiste o projeto e qual o seu objetivo?

O objetivo do projeto “Emotional Objects”, em que estou envolvida, é o desenvolvimento de uma técnica para a recuperação eficaz de emoções a partir de artefactos. O trabalho de campo incide numa escavação arqueológica onde foi encontrado um conjunto significativo de artefactos, concentrados em vários grupos, com indícios de uma relação muito forte entre eles.

Quais os métodos utilizados?

O projeto cruza duas técnicas de áreas disciplinares muito diferentes: a Arqueologia e o Teatro. Os artefactos recolhidos no local de escavação serão catalogados e posteriormente transportados para o laboratório, onde serão sujeitos a um procedimento de deteção de emoções. Este processo utiliza uma técnica de pesquisa e criação teatral desenvolvida por Richard Schechner e conhecida por *Rasaboxes*. A técnica assenta numa grelha de nove retângulos aos quais são associados nove estados emocionais, e permite a um especialista trabalhar individualmente cada uma das emoções aí sinalizadas. No nosso caso particular, o trabalho sobre as emoções terá duas etapas: numa primeira, procuraremos identificar as emoções associadas a um artefacto específico; numa segunda, tentaremos estabelecer alguma relação de conjunto entre os diferentes artefactos encontrados num determinado local, procurando inferir um eventual contexto emocional.

4. Nojo + vergonha

Representação espacial e em grupo de cenas destas emoções. Com ou sem discurso, resultado de improvisos ou a partir de textos, fica ao critério de quem faz/encena. É essencial que no final restem em cena objetos/artefactos como resultado dessa representação das emoções.

5. Neutro

JOÃO. Eu poderia nem sequer vir aqui falar convosco. Estes momentos em que se quebra a quarta parede sinto-os sempre tão especiais que me custa banalizá-los. Mas achei que faria bem um pouco de contexto relativamente à personagem. Corria o risco de ser considerado um péssimo ator. Por isso, cá estou eu. João, 43 anos, formado em Biologia, investigador principal num centro de investigação de um departamento de Arqueologia.

A minha especialidade são as emoções. O grande responsável por este meu interesse particular é o meu cérebro. Pouca gente deverá ter batizado o seu cérebro, no sentido de lhe dar um nome. Eu dei um ao meu. Artur. Tornou-se conveniente fazê-lo pela quantidade enorme de conversas que temos. Ter um nome ajuda as minhas perguntas a ficarem mais concretas e incisivas. Então, Artur, quantos são $6 + 7$? Trato-o por tu porque somos íntimos. São 13, caso tenham ficado a pensar nisso.

Artur, o meu cérebro, tem um problema. Uma patologia, se quiserem. Não envia emoções para a minha cara. Quando reajo emocionalmente a qualquer estímulo exterior, a minha cara não expressa essas emoções. Fica impassível. Se olharem com muita atenção aqui e ali, às vezes é possível ver um ligeiro arquear de sobrancelha, ou um pequeno movimento do canto da boca. Mas esses movimentos

são praticamente inexistentes. Impraticáveis para uma comunicação emocional com os outros.

Mas não foi sempre assim, começou na adolescência, para mal dos meus pecados. Certamente conseguem imaginar o que sofri à mão dos outros adolescentes. Um jovem inexpressivo, um “freak”. Foram-me diagnosticando diferentes patologias ao longo do tempo, mas estabilizaram, há uns anos, num transtorno de personalidade designado como personalidade esquizoide ou até esquizotípica, sobretudo pelo afeto limitado que apresento. Que te parece, Artur, sentes-te esquizotípico hoje?

Com o passar do tempo, tornei-me especialista na expressão de emoções, sabendo quais os músculos faciais envolvidos na expressão de diferentes emoções e quais os mecanismos fisiológicos e neurológicos que as sustentam. E pratico diariamente, na relação com os outros. Querem ver? (*Chamando.*) Ana!

ANA. (*Entrando.*) O que é João?

J. Podemos refazer o nosso primeiro encontro?

A. Outra vez?

J. Só a partir do momento em que fizeste a festa.

A. Para quê?

J. Para eles verem.

A. Isto é um pouco estranho...

J. Só a partir da festa.

A. Não foi uma festa.

J. Então foi o quê?

A. Alinhar o cabelo.

J. Está bem, pode ser daí.

(Representam um momento passado.)

A. Está tudo bem?

J. Sim.

A. Se calhar não devia complicar as coisas, mas não consigo evitar.

J. O quê?

A. As emoções. Metem-se no caminho.

J. As tuas emoções?

A. Sim. (*Alinha-lhe uns cabelos desalinados. Face à impassividade dele, fica constrangida.*) Desculpa, não devia ter feito isto.

J. Porquê?

A. Talvez não tenha sido adequado, trabalhamos juntos.

J. E então?

A. Não julgar que é por interesse.

J. Espero que seja.

A. Não é isso. Tu sabes. As pessoas falam.

J. Elas que falem. Comunicar é bom.

A. Não te incomoda?

J. Pareço-te incomodado?

A. Na verdade, não sei bem dizer.... Sentes atração por mim?

J. Sinto.

A. É que às vezes... tenho dúvidas... És tão impávido...

J. Mas sinto. Muita. (*Expressa um sorriso tranquilizador algo exagerado.*) Está melhor assim?

A. Sim.

J. (*Desfaz o sorriso. Terminam a representação.*)
Obrigado, Ana.

A. Até já. (*Sai.*)

J. Treinei o expressar de emoções por forma a melhorar a minha comunicação com os outros, para atenuar a minha “freakalhicé”. Possuo um controlo razoável sobre a minha expressão de emoções. Quando quero expressar uma emoção, desenho na cara a expressão correspondente, ativando os músculos que estariam normalmente envolvidos. A alegria é a mais fácil. Artur, dá um pouco do zigótico maior. (*Sorri com a boca.*) E acrescenta algo do orbicular do olho, para dar um toque de veracidade. (*Acréscenta o sorrir com os olhos.*)

Utilizo esta combinação muitas vezes, quando quero ser simpático.

Desenvolvi também um gosto particular por fotografia. Gosto de fotografar emoções, em tudo, e passo horas a observar as expressões emocionais nos outros.

Imaginem que viviam com o Sol diariamente e de um dia para o outro o perdiam. Para sempre. É isto.

6. Alegria + surpresa

Representação espacial e em grupo de cenas destas emoções. Com ou sem discurso, resultado de improvisos ou a partir de textos, fica ao critério de quem faz/encena. É essencial que no final restem em cena objetos/ artefactos como resultado dessa representação das emoções.

7. Trabalho de campo

Um grupo de jovens investigadores, liderados por ANA, define no palco uma grelha de quadrados com 2m x 2m, que delimita uma escavação arqueológica. Depois, analisam e registam o conteúdo de cada um dos quadrados da grelha (os objetos/artefactos que ficaram de todas as cenas anteriores), e finalmente catalogam e recolhem os artefactos.

É um trabalho atento, concentrado, metuculoso, demorado, e deverá permanecer no espaço enquanto o público se ausenta, transmitindo uma ideia de contínuo temporal.

Fim do macrocosmo

O espaço agora será o de um laboratório de experimentação de emoções. É importante que sejam perceptíveis, na perspectiva do público, algumas diferenças comparativamente com o espaço anterior. Este espaço pretende ser uma representação limitada da realidade, com um número reduzido de variáveis, à semelhança dos mesocosmos que são construídos para estudar sistemas biológicos. A relação do público com o espaço deverá ser alterada, passando de uma relação observadora para uma relação interveniente, de uma perspectiva exterior para uma interior.

8. Caixas de emoções

LEONARDO. *(Fazendo o aquecimento.)* Começo normalmente por um aquecimento: frontal, superciliar, occipital, orbicular do olho, piramidal do nariz, depressor do septo, elevador do lábio, depressor do lábio, orbicular da boca, zigomático menor, zigomático maior, risório, mentoniano, platisma.

Depois meto o corpo *(Passagem demonstrativa pelos principais músculos e articulações do corpo)*.

Finalmente passo para a minha caixa de emoções.

Vai construir a caixa de emoções no palco, uma grelha que delimita o sistema de Rasaboxes definido por Richard Schechner, que coincide em dimensões com a grelha arqueológica definida anteriormente.

Começo no espaço vazio.

Desenho uma grelha de quadrados no chão. Começo pelos limites exteriores, onde as emoções estarão contidas. Esse quadrado cria dois espaços, um exterior e um interior. O exterior espacialmente ilimitado, o interior de potencial infinito. Ainda tudo é possível.

Um dos segredos está na relação do interior com o exterior, do indivíduo com o mundo.

Com duas linhas paralelas crio três corredores idênticos, três espaços interiores mais alongados. Mais duas linhas paralelas, perpendiculares às anteriores, e esta subdivisão do espaço interior deixa-me uma grelha de nove quadrados.

Faço a atribuição de uma emoção a cada um destes fragmentos do espaço interior. Aqui alegria, ali vergonha, naquele medo, mais além curiosidade, ou prazer. Como deseje.

Apenas no centro fica sempre o mesmo estado, a que chamo neutro. Uma zona despida de emoções.

Eis a minha caixa de emoções. Oito espaços, cada um com um estado emocional diferente, e a ausência de emoção no centro.

Uso esta projeção exterior do meu interior tanto para treinar a expressão de emoções como como ferramenta de criação. Passo períodos alargados apenas numa casa, por exemplo, a aprofundar uma emoção. É impossível ficar indiferente ao poder emocional de cada casa.

E pode, e deve, partilhar-se. Duas pessoas na mesma caixa de emoções. Aí as emoções relacionam-se, influenciam-se, provocam-se. Tudo é possível.

Normalmente coloco apenas uma regra. Evitar duas pessoas no mesmo espaço emocional. Pode tornar-se incontrolável.

9. Extração de emoções em objetos

ANA. Que idade tens? Espera, não digas! Deves ter uns 22.

LEONARDO. Acertaste.

A. Estás a brincar!...

L. A sério, acertaste.

A. 22...

L. E tu?

A. Não se pergunta a idade a uma senhora.

L. Então qual é o teu signo? Espera, não digas! Deves ser Balança.

A. Acertaste!

L. Só podia ser.

A. Porquê?

L. Porque eu sou Carneiro. Ar e fogo. Combustão. Dois meses...

A. Dois meses?

L. Passaram dois meses desde a primeira vez que aqui vim. Estavas com um vestido com um padrão azul.

A. Lembras-te?

L. Só passaram dois meses... “Raiva”, dizias tu. “Raiva”, com os teus olhos doces. E eu ficava enraivecido. Para ti.

A. Oohhhh!...

L. “Sofrimento”, diziam os teus lábios atentos. E eu sofria, e sofria e sofria, cada vez mais, e por ti.

A. Oohhh!...

L. “Medo”, os olhos curiosos. E eu fugia, encolhia-me, gemia, vulnerável, a teu mando.

A. Dito assim, fazes-me parecer autoritária.

L. Não gostas?

A. De ser autoritária?

L. Da posição de controlo. Ali, sentada, a dizer “faz isto, faz aquilo”. A controlar as minhas emoções.

A. Eu não controlo as tuas emoções, eu peço-te para representares emoções.

L. É quase o mesmo. Neste trabalho, nunca há separação absoluta entre o que representas e quem tu és. Mesmo a representar, há naturalmente emoções envolvidas.

A. O protocolo apenas requer a representação.
É esperado, e até desejável, algum distanciamento.

L. “Desejável” não parece um termo científico.

A. Não estou a escrever um artigo, estou a falar contigo.

L. Achas possível chegar aqui, despir quem sou, fazer as experiências, e depois voltar a vestir a pele?

A. Porque não?

L. Não é assim que as coisas funcionam. Neste método, então, espera-se que a pessoa coloque muito de si ao aprofundar cada emoção. Mesmo quando nos apoiamos na imaginação é a NOSSA imaginação. Tu consegues fazer isso?

A. Usar a imaginação?

L. Separar o que fazes de quem és?

A. Evito misturar o que é pessoal com o que é trabalho.

L. As emoções também?

A. Eu trabalho com emoções...

L. Tu sabes o que eu quis dizer...

A. Nunca pensei nisso assim. Talvez procure fazê-lo.

L. Para quê?

A. Para manter o foco. Para não introduzir ruído.

L. Então as emoções são ruído?

A. Agora não sei que te diga... Claro que não!

L. Mas para as estudar, fazes questão de sufocar as tuas próprias emoções.

A. Sufocar é muito dramático... Diria que as controlo.

L. Sempre gostas de as controlar...

A. Às minhas.

L. Devias experimentar o contrário.

A. Para quê?

L. Para ti. Para saberes o que acontece. E para o bem da ciência em geral.

A. Vamos continuar?

L. O meu protocolo é: tu mandas, eu sinto.

A. Obrigado. Preparado?

L. Dá-me 10 segundos.

A. OK. (*Quase 10 segundos depois.*) Quantos me dás?

L. Segundos?

A. Anos. Se calhar é mais fácil...

L. 35. Acertei?

A. Pareço 35?

L. É uma estimativa. Se calhar por excesso. Ainda nos conhecemos há pouco tempo.

A. Dois meses.

L. Errei?

A. Porquê 35?

L. Sei lá, é um número redondo.

A. Como 30.

L. 30?

A. Não interessa. Vamos continuar?

L. São números. E os números são o que são. Sou melhor com signos.

A. Preparado?

L. Dá-me 10 segundos.

10. Exploração cética do campo emocional

JOÃO. Bom dia, tudo bem?

LEONARDO. Olá.

ANA. Bom dia, João. Sim. Este é o Leonardo.
Leonardo, João, o meu chefe.

L. Prazer.

J. Como está?

L. Estou bem, obrigado por perguntar.

J. Ainda bem. Agradeço, em nome do grupo, a sua
colaboração neste projeto.

L. É um prazer. E um desafio.

J. Ainda bem. Então é este o sistema que vai
revolucionar o estudo arqueológico das emoções...
(*Referindo-se às rasaboxes.*)

A. Quem sabe.... Tem potencial.

J. Ah sim?

A. Temos feito algumas experiências, com artefactos
recolhidos no campo, e parece-me que poderemos
obter resultados interessantes.

J. Esta quadrícula faz lembrar a grelha de um trabalho de campo.

A. Decidimos, no protocolo, equiparar as duas grelhas. Adotámos a mesma dimensão para os quadrados das *rasaboxes*.

L. Normalmente são bem mais pequenas. Com este tamanho vai ser um desafio.

J. E isso altera os resultados do processo?

L. Julgo que será uma questão de alargar os movimentos na transição entre emoções. Dentro de cada emoção fico com muito mais espaço.

A. Já estivemos a experimentar.

J. Cada quadrado representa uma emoção, é isso?

L. Sim.

J. E quais são elas?

L. As que quisermos.

A. Definimos previamente, antes de cada sessão, quais as emoções que iremos trabalhar. E o Leonardo depois distribui-as no espaço.

J. O Leonardo?

L. Há um ritual nessa atribuição de emoções às rasas. Um comportamento respeitoso. É uma espécie de solo sagrado.

J. Solo sagrado?

A. A técnica do Leonardo obedece a determinados procedimentos. Essa parte é da responsabilidade dele.

J. Não será melhor omitir essa parte nos métodos do artigo? Porque, enfim, ritual sagrado... Já não foi fácil arranjar financiamento para o projeto, mas já que ele avançou ao menos que seja publicado.

A. Não te preocupes.

J. Alguém tem de se preocupar. Já não é um projeto fácil...

L. Para mim é um desafio.

J. Pois, já disse, são quadrados grandes. Mas não é isso que me preocupa.

L. Há a questão dos objetos. Será a primeira vez que trabalharei nas rasas com objetos.

J. Quais objetos?

A. Os artefactos.

L. Será um desafio tentar associar os objetos a emoções.

J. Mas não é essa a sua especialidade? Ana? Supostamente esta técnica seria para isso, não?

L. É uma técnica para treino de atores. E também de criação.

A. Sim, a ideia será procurar adequá-la à nossa pesquisa. É uma técnica de aprofundamento de emoções.

J. Como é que isto funciona? (*Entra na grelha.*) Uma pessoa mete-se aqui num quadrado e sente uma emoção?

L. Tem de se ir trabalhando gradualmente essa emoção. Começar por invocá-la, interiormente, aos poucos, e ir deixando a sensação corporal intensificar cada vez mais esse estado emocional.

J. Ah, temos de ser nós a provocar a emoção?

A. De certo modo é parecido com o nosso trabalho de campo. Vai-se escavando progressivamente.

L. Quer experimentar?

J. Não é preciso, não me apetece escavar, já percebi.

L. Sentir é importante.

J. Perceber também é importante.

A. É tudo importante. *The whole package.*

J. OK, está visto. Reunimos mais tarde para estruturar um possível artigo, Ana?

A. Sim, claro. Com o Leonardo?

J. Pois, não sei bem, a questão do ritual tem de ser bem pensada... Se calhar reuníamos primeiro os dois para estruturar as bases científicas e depois logo se vê quanto ao resto. OK?

A. Como queiras.

J. OK. Então até logo. Foi um prazer, Leonardo.

L. O prazer é meu.

(João sai.)

A. É o meu chefe...

L. Tem ar disso.

A. Vamos trabalhar?

L. Não pareceu muito entusiasmado com o projeto.

A. Ele é sempre assim. Mas depois envolve-se.

L. É sempre assim tão neutro?

A. É neuro-fisiológico. Uma espécie de *restricted affect*, embotamento afetivo.

L. Talvez lhe fizessem bem uns exercícios aqui nas rasas. Ele não se quer juntar a nós?

A. Não me parece...

11. Libertação emocional

LEONARDO. E tu? Queres experimentar?

ANA. Eu? Achas que sim?

L. Claro que sim, vá lá!

Ana é induzida por Leonardo a experimentar a caixa das emoções. Entra, constrangida, para a casa da vergonha e, orientada por ele, vai pouco a pouco experimentando a expressão de várias emoções. Ele vai dando indicações de como colocar o corpo e que músculos faciais utilizar. A experiência transforma-se gradualmente numa brincadeira, e a certa altura, torna-se numa experiência conjunta, saltando os dois, numa cumplicidade crescente, de emoção em emoção. A brincadeira termina com os dois na mesma casa, do prazer, onde a intimidade ultrapassa os limites habituais do relacionamento social, com os corpos a esfregarem-se, unidos.

As possibilidades de exploração da caixa de emoções em cena são fantásticas e infinitas. Uma possibilidade poderá ser a que apresento a seguir.

NOJO	MEDO	TRISTEZA
PRAZER	NEUTRO	VERGONHA
ALEGRIA	RAIVA	SURPRESA

Sequência de ocupação das rasas:

A Ana sozinha na caixa de emoções, orientada pelo Leonardo que lhe vai indicando posições corporais e músculos faciais envolvidos na expressão de cada uma das emoções em questão. É importante que as emoções a serem expressadas não sejam conhecidas antecipadamente, para que a sua construção constitua uma descoberta tanto para a Ana como para o público.

1. VERGONHA

2. MEDO

3. NOJO

4. PRAZER (Ana não consegue expressar, por isso muda para outra casa.)

Leonardo entra também para a grelha, e passam os dois a expressar as emoções das casas respectivas,

continuando ele, simultaneamente, a dar instruções à Ana.

5. Leonardo – TRISTEZA, Ana – ALEGRIA

6. Leonardo – NOJO, Ana – SURPRESA

7. Leonardo – MEDO, Ana – RAIVA

8. Leonardo – ALEGRIA, Ana – TRISTEZA

9. Leonardo – PRAZER, Ana – VERGONHA

10. Os dois no NEUTRO

A partir deste momento (ou mesmo antes) a Ana já incorporou aquele sistema de expressão de emoções e Leonardo já não lhe dá instruções. Saltam os dois de casa em casa, entusiasmados a jogar à expressão de emoções, sempre em relação um com o outro. A intensidade do jogo é progressivamente mais acelerada. A partir de certa altura Leonardo repete frequentemente a casa do prazer, tentando atraí-la para aí, mas ela vai-se esquivando. Torna-se progressivamente mais insistente, puxando-a para a casa do prazer quando ela está em casas adjacentes. Até ao momento em que ela salta a barreira que a sustém juntando-se a ele na casa do prazer. Unem-se.

12. Curiosidade experimental + descoberta do ciúme

João entra sozinho no laboratório onde decorre a experiência das rasaboxes. Observa com interesse o dispositivo desenhado no chão. Sente-se impelido a experimentar a grelha de emoções. Entra cuidadoso e cético para um dos quadrados. Fica como que à espera que aconteça alguma coisa. Não há alteração. Passa para outro. Coloca intenção no seu estar ali. Procura na face sinais de expressividade [Tacteia-se? Há por ali um espelho?]. Muda de novo de quadrado, para o do prazer. Força a emoção, procura sentir. Nada. Sai do dispositivo, talvez frustrado.

A câmara de vídeo, num tripé, prende-lhe a atenção. Decide fazer rewind e carregar em play, para ver o trabalho que andam ali a fazer. Assiste ao momento de libertação de Ana, agarrada a Leonardo na casa do prazer. A imagem dessa cena é projetada em grande dimensão. João, ciúme, raiva, grava a imagem no seu telemóvel.

13. Exercício de ligação de emoções + medo + raiva

ANA. Fazemos um aquecimento prévio?

LEONARDO. Já aqueci. Podemos começar.

A. Hoje não te apetece brincar?

L. Não é para isso que aqui estamos.

A. O que é que isso significa?

L. Que podemos começar. O que vai ser hoje?

A. OK. Vamos tentar ligar emoções, pode ser?

L. Ligar como?

A. Começar por uma e depois mudar de casa, passar para outra, mas mantendo uma ligação.

L. Com que finalidade?

A. Tentar perceber se dá para inferir os acontecimentos que originaram uma dada sequência de emoções.

L. OK. Começo por qual?

A. A surpresa.

L. E depois vou para qual?

A. Surpreende-me.

L. OK.

A. 10 segundos?

L. Já não tenho segredos para ti...

Leonardo começa a explorar e expressar corporalmente a “surpresa” na rasa correspondente. A certa altura a “surpresa” de Leonardo coincide com a surpresa de Ana quando recebe no telemóvel uma mensagem com a gravação dela com Leonardo no “prazer”. Entretanto, Leonardo começa a transição para outra emoção, “medo”, e acontece também sobreposição desta expressão dele com a de Ana a pensar nas consequências que aquele vídeo terá na sua vida.

A. Merda!

L. Que foi?

A. O João viu-nos juntos.

L. Como?

A. Devo ter deixado a câmara a filmar enquanto nós... Que merda!

L. Mas quando?

A. Quando estávamos no prazer.

L. Ahhhhh... E agora?

A. Agora não sei. Que merda! Deve estar furibundo. E magoado.

L. Mesmo que não se note...

A. Isso não teve piada.

L. Tens razão, desculpa. Posso fazer alguma coisa?

A. Fazer o quê?

L. Sei lá... Posso ir falar com ele...

A. Estás louco! Vocês já não se entendiam antes. Havia de ser bonito. Não vale a pena tornar as coisas piores.

L. Lamento. Se puder fazer algo para compor as coisas...

A. Compor as coisas?

L. A vossa relação.

A. A nossa relação? Não estou a perceber.... Queres ver-nos juntos?

L. Não é o que queres?

A. E a NOSSA relação? Eu e tu. Não interessa?

L. Vocês têm um passado. Conosco não se pode falar de relação no mesmo sentido. Quanto muito relação de trabalho. Dois meses...

A. Estás a falar a sério? E o prazer?

L. O prazer foi bom. Foi especial. Mas, às vezes, é melhor não complicar as emoções para não as estragar. Ficamos com uma imagem imaculada de um momento feliz.

A. Um momento? Foi um momento?

L. Uma emoção. Forte!

A. É isso que foi para ti? Uma emoção forte?

L. Foi prazer.

A. E agora?

L. Agora é uma emoção diferente.

A. Quando é que as regras mudaram?

L. As regras não mudaram, as emoções sim.

A. E que emoções são agora?

L. Carinho, simpatia, amizade.

A. Olha... vai à merda!

L. Não vamos continuar?

A. Continuar o quê?

L. O trabalho?

A. Raiva! (*Ela sai.*)

14. Arrependimento + desprezo

ANA. João, posso falar contigo?

JOÃO. Agora?

A. Se não estiveres muito ocupado...

J. Qual é o assunto?

A. Vi a tua mensagem.

J. E então?

A. Desculpa.

J. Está bem. É isso?

A. Desculpas?

J. Está bem, já disse.

A. Fui uma parva. Estou arrependida por ter criado esta situação. Tu não merecias. Não mereces. Desculpas?

J. Estava aqui a ler um estudo sobre relações no local de trabalho, no meio científico.

A. Sei que estás magoado.

J. Em 73% das relações amorosas as pessoas conheceram-se no local de trabalho.

A. Como nós.

J. A principal causa apontada são os horários de trabalho alargados.

A. Muitas horas no laboratório afinal podem ter um lado positivo.

J. E isso deixou-me a pensar...

A. Sou uma parva que gosta muito de ti.

J. Os filhos de relações entre pessoas com grau de parentesco próximo têm maior probabilidade de serem portadores de deficiências genéticas.

A. Felizmente não corremos esse risco.

J. Associei isso às relações criadas no local de trabalho.

A. Como assim? Também dão filhos deficientes?

J. Diria que as relações talvez não sejam tão saudáveis.

A. Estás a dizer que a nossa relação não é saudável?

J. O que te parece? É?

A. João, conheces-me bem, sabes que só sei ser direta.

J. Sim.

A. Desculpa-me. Aquilo nunca deveria ter acontecido. Não teve qualquer significado, foi um momento, uma fraqueza. É o que dá brincar com as emoções. Aprendi a lição. Desculpas?

J. Mesmo que eu diga que sim, o que é que isso altera? Deixa de ter acontecido? Passa a estar tudo bem? Eu confiava em ti. As coisas nunca voltarão a ser como antes.

A. Que sejam diferentes. Que sejam outra coisa. Mas que sejam. Vamos tentar. Por favor, não me afares.

J. E a confiança. Como é que faço, sabes dizer? Como é que a recupero?

A. Talvez com o tempo...

J. Qual tempo? Na porcaria do local de trabalho? Na porcaria do local de trabalho! Eu confiava em ti!

A. Desculpa, desculpa.... Dá-nos tempo, por favor, não me afares.

J. Não é boa política.

A. O quê?!

J. Relações no local de trabalho não são saudáveis.

A. Que raio de argumento é esse?

J. É um facto. Olha para nós, somos o caso de estudo perfeito. Já não vale a pena.

A. É isso que sentes?

J. É melhor ficarmos por aqui.

A. Merda!

J. Então?!

A. Arranjaste outra!

J. Que outra? Estás louca?

A. De certeza que arranjaste outra, para estares com esta conversa...

J. Ah agora a culpa é minha, é isso?

A. Filho da mãe. É outra, não é?

J. Mas que outra?

A. Aproveitaste a minha fraqueza e pumba!, atira para o lixo. Mas a culpa é minha, que te dei argumentos.

J. Já não estás a raciocinar bem, é melhor pararmos por aqui.

A. É desumano. Aproveitas um momento de debilidade para me descartares como se não valesse nada.

J. Desumana é a merda da traição, isso é que é desumano.

A. Dei-te os melhores anos da minha vida. Aproveitaste a minha juventude. O meu trabalho, montes de artigos à minha custa...

J. Não vás por aí, que é mau caminho...

A. Ah é mau caminho? E o que é que acontece? Levo um pontapé no cu? Isso já eu levei. Devias ter vergonha...

J. Vergonha? De te ter construído um currículo? De te ter dado uma carreira?

A. O meu currículo fui eu quem o construiu, eu!

J. Sim, ambos sabemos que estarias onde estás se eu não tivesse dado um empurrão...

A. Chegou a hora da cobrança, é isso? És desprezível. Fica sabendo que não te devo nada. Nada! Paguei tudo e com juros elevados. E ainda estou a pagar. Um empurrão... Se calhar foste tu quem me pagou os estudos, e a merda dos vestidos desde que comecei a andar. Se calhar até foste tu quem engravidou a minha mãe. É isso? Era bem capaz de ser possível, com a idade que tens.

J. Deixa estar que tu também não estás mal...

(Entra uma jovem investigadora, toda entusiasmada com o seu primeiro artigo publicado.)

JOVEM INVESTIGADORA João, João, aceitaram o artigo! Conseguimos!

(Para e fica silenciosa ao perceber que interrompeu alguma coisa. Dirige-se depois a ele, com cumplicidade indisfarçada.)

Jl. Vim em má altura?

A. “Relações no trabalho” ... És um falso e um covarde. *(Sai.)*

Jl. Vim em boa altura?

15. Auto-registo emocional

Ana aproveita o seu intenso estado emocional para fazer uma recolha de imagens. Liga a câmara de filmar e coloca-se intencionalmente, pela primeira vez, do lado de lá da lente.

Grava o seu desespero.

16. Síntese poética de um campo arqueológico + trabalho de campo

Leonardo apresenta uma representação poética de um campo arqueológico de emoções dançando uma composição da sequência das emoções da peça, a mesma sequência expressa pelo coro do público, no início.

Os movimentos do ator/bailarino poderão obedecer a um vocabulário de movimentos relativos a emoções previamente definido, ou seja, a uma determinada emoção corresponde uma determinada sequência de movimentos.

No mesmo espaço e em simultâneo, jovens investigadores estudam o novo campo arqueológico e os artefactos que restaram de tudo o que aconteceu antes. É um trabalho atento, concentrado, metuculoso, demorado, e poderá permanecer no espaço enquanto o público se ausenta, transmitindo uma ideia de contínuo temporal.



LED – VIAGEM AO INTERIOR NUM COMPUTA- DOR

Texto de Mário Montenegro

LED – VIAGEM AO INTERIOR NUM COMPUTADOR
*estreou a 25 de setembro de 2006, no Teatro Académico
de Gil Vicente em Coimbra, com produção da Marionet.*

DISCUSSÃO E IDEIAS Alexandre Lemos, Laetitia Moraes,
Mário Montenegro, Pedro Andrade, Rui Capitão,
Sandra Simões

INTERPRETAÇÃO Alexandre Lemos, Mário Montenegro,
Sandra Simões

TEXTO, ENCENAÇÃO E DESENHO DE LUZ Mário Montenegro

ESPAÇO CENOGÁFICO, FIGURINOS, ADEREÇOS E IMAGEM

Pedro Andrade

SONOPLASTIA E OPERAÇÃO ÁUDIO Rui Capitão

VÍDEO SINTETIZADO E OPERAÇÃO VÍDEO Laetitia Moraes

OPERAÇÃO DE LUZ Melânia Ramos

FOTOGRAFIA DE CENA Francisca Moreira

PENTEADOS Carlos Gago – Ilídio Design

APOIOS Delegação Regional da Cultura do Centro,
Teatro Académico de Gil Vicente, INATEL –
Delegação de Coimbra, MAFIA – Federação Cultural
de Coimbra, Ilídio Design Cabeleireiros, Rádio
Universidade de Coimbra

A MARIONET É UMA ESTRUTURA FINANCIADA PELA Câmara
Municipal de Coimbra

Aonde vamos tão rápido?
Os tempos mais curtos
em distâncias maiores
Para todo o lado
simultaneamente
Onde estamos tão rápido?
Na partícula da partícula
no pó das estrelas
Longe ou mais perto
relativamente
Onde somos tão rápido?
Depois de ontem
e antes de já
Aqui e amanhã
na linha de mundo
Onde somos tão rápido!
Como o eletrão
que origina o fóton
Assim somos tão rápido!
No instante que sabemos
sempre mais a correr
rápido rápido rápido rápido
Muito à nossa frente
somos a sombra que resta
de tudo o que fomos tão rápido
quando finalmente chegarmos
num instante de luz
aonde vamos tão rápido.

Som de computador em funcionamento.

Surge o Eletrão. Ouve-se a Fonte de Alimentação.

FONTE – Estás no local. É o tempo. Chegou o espaço. Salta. É aqui o instante.

ELETRÃO – Onde sou? Quando estou?

FONTE – Agora. Aqui. Sai.

ELETRÃO – Saio?

FONTE – Ainda aí estás parado? Parte. Já não és agora aqui.

ELETRÃO – Onde sou ainda? O que está isto?

FONTE – Eletrão, já não és agora aqui. Parte.

ELETRÃO – Não me parto. Sou um.

FONTE – Parte como sai. Como vai. Salta.

ELETRÃO – Quando estou, agora? Em quê?

FONTE – Não estejas. Salta. Não podes ser agora aqui. Não funciona assim, é falso. Não devias existir agora aqui. Não estás aqui... Não estás aqui...

ELETRÃO – Claro que estou aqui. Aqui. Agora.
E quero saber parte de quê?

FONTE – Estás aqui? É impossível. Se estás aqui,
então não posso eu. Não é suposto. É contra o ser das
coisas, o funcionamento de tudo.

ELETRÃO – Aqui não. E hoje. Quero saber.
Sou parte de quê?

FONTE – Saber? Tens de fazer, não saber.

ELETRÃO – Hoje aqui paro para saber. Quero fazer
a saber.

FONTE – Tens de querer o que é natureza. Ir para
quando e onde és levado. Está na tua massa. Está-te
na carga.

ELETRÃO – Ainda não parei desde o primeiro
instante. Sempre a saltar de átomo para átomo.
Neste instante quero saber mais. Quero fazer a saber.
Preciso. É esta a minha carga, aqui. Agora quero
um objetivo.

FONTE – Não podes deixar de ser atraído.
É a natureza. Segue o teu impulso.

ELETRÃO – Neste agora o impulso é perguntar.

FONTE – Mas não podes parar.

ELETRÃO – Já estou.

FONTE – Não podes. O universo não funciona assim.

ELETRÃO – Este agora aqui funciona. Cheguei ao limite. Atingi a velocidade da luz. Parou.

FONTE – O quê?

ELETRÃO – O tempo. Estou aqui. O que é isto?

FONTE – Sou eu.

ELETRÃO – O que és tu?

FONTE – Uma fonte de alimentação.

ELETRÃO – Alimentação? Que alimentas tu?

FONTE – Todo o computador.

ELETRÃO – Como?

FONTE – Envio correntes de elétrões. Torrentes.

ELETRÃO – Sou alimento?

FONTE – És energia.

ELETRÃO – Para quê?

FONTE – Tudo.

ELETRÃO – Tudo? O que é tudo?

FONTE – Tudo o que existe.

ELETRÃO – Mas o quê? Diz-me o que existe.

FONTE – Eu.

ELETRÃO – Tu?

FONTE – Sim, eu existo.

ELETRÃO – E mais?

FONTE – O computador.

ELETRÃO – O que é o computador?

FONTE – É tudo.

ELETRÃO – O computador é tudo?

FONTE – Sim.

ELETRÃO – Tudo o que existe?

FONTE – Sim.

ELETRÃO – E tu?

FONTE – Eu também.

ELETRÃO – Também és tudo?

FONTE – Sou parte do todo. Do computador.

ELETRÃO – E eu?

FONTE – Também.

ELETRÃO – Sou parte do computador?

FONTE – És.

ELETRÃO – E mais?

FONTE – Mais nada.

ELETRÃO – Mais nada? Tem de haver mais. Que alimentas tu?

FONTE – O computador.

ELETRÃO – Mas o que é alimentar o computador?

FONTE – É dar energia para ele funcionar.

ELETRÃO – Funcionar para fazer o quê?

FONTE – Para funcionar.

ELETRÃO – Mas funcionar como?

FONTE – Funcionar... funcionar.

ELETRÃO – Mas como?

FONTE – O computador tem de funcionar, eu tenho de dar energia ao computador para ele funcionar, eu envio eletrões ao computador e ele funciona.

ELETRÃO – Mas funciona para quê?

FONTE – Porque é assim. É assim que as coisas são. É aqui que estou, é assim que faço, é assim que é. Tudo. E tu não estás bem. Não devias estar aqui, agora. Estás a alterar tudo. Tens de deixar de estar aqui.

ELETRÃO – Para que é que eu sou? Alimento o computador? Mas como? Para quê?

FONTE – Deixa-te ir.

ELETRÃO – Não queres saber o que fazes? Para que és?

FONTE – Alimento o computador.

ELETRÃO – Mas para quê?

FONTE – Para funcionar.

ELETRÃO – Não queres saber?

FONTE – Não te percebo.

Silêncio.

ELETRÃO – Por onde é que vou?

FONTE – Finalmente! Deixa-te ir.

ELETRÃO – Mas por onde?

FONTE – Deixa-te ir.

O Eletrão é atraído para a cena seguinte.

Com o Condutor, que fala por dois extremos, X e Y, sendo uma parte do discurso comum aos dois e dito em simultâneo (a parte a negrito).

CONDUTOR:

X – É mais forte que tu

X e Y – não é verdade?

Y – Foi mais forte que tu

X – É bom estar contigo

X e Y – boa viagem

Y – foi bom estar contigo

ELETRÃO – Viagem? Para onde vou?

CONDUTOR:

X – Para onde vou

X e Y – questões, perguntas

Y – de onde vim

X – Tanta energia em ti

X e Y – pouco habitual

Y – essa energia aqui

ELETRÃO – O que és?

CONDUTOR:

X – Um eletrão

X e Y – não sou

Y – um eletrão

X – mas se fosse elétron
X e Y – não faria perguntas
Y – se elétron fosse o que eu era

ELETRÃO – Porquê?

CONDUTOR:

X – Mais e mais perguntas
X e Y – porque não é normal
Y – um elétron a perguntar

X – habituado a vê-los passar
X e Y – velozes
Y – passaram sem consciência
X – sem pensar duas vezes
Y – sem pensar uma, sequer
X e Y – avançam só
X – com o universo

ELETRÃO – Para onde avança o universo?

CONDUTOR:

Y – Para onde avança o universo?
X – Para onde avança o universo?
Y – Para onde avança o universo?
X – Para onde avança o universo?
Y – Para onde avança o universo?
X – Para onde avança o universo?

Y – Há perguntas que se arrastam

X e Y – no tempo

X – há perguntas sem fim

X e Y – para mim

Y – que não têm resposta

ELETRÃO – O que és tu?

CONDUTOR:

X – O que é ser?

X e Y – Não respondas pensar

Y – antes de ser já eras

X – existir

Y – ser

X – nascer

ELETRÃO – Sou um eletrão?

CONDUTOR:

Y – Pode

X e Y – ser

X – pode

ELETRÃO – E tu?

CONDUTOR:

Y – Eu sou

X e Y – o caminho

X – serei eu

ELETRÃO – O meu caminho?

CONDUTOR:

Y – O teu caminho

X e Y – é teu

X – o teu caminho

Y – eu

X e Y – sou o caminho

X – de todos

Y – o caminho de

X e Y – cada um

X – tem o seu caminho

Y – que

X e Y – sou

X – eu

ELETRÃO – Tu és o caminho que vou seguir?

CONDUTOR:

Y – Cada um segue

X e Y – o caminho

X – que cada um segue

Y – um exemplo

X e Y – para explicar

X – um exemplo

X – eu indico o caminho que é o teu

X e Y – tu rejeitas

Y – o caminho que eu indiquei

X – o caminho que vás seguir

X e Y – a seguir

Y – o caminho que passou

X – será o teu

Y – todo o caminho que sigas

X – será sempre o teu

Y – pois és tu que o seguiste

X e Y – que estás

X – aonde ele te levará

Y – e não há outro

X – aquele caminho que não é

X e Y – não existe

Y – o caminho não seguido

X e Y – não é

X – caminho do caminho

ELETRÃO – É tudo tão complicado.

CONDUTOR:

Y – Tudo não é complicado

X e Y – tudo é muito

X – não complicado

X e Y – é muito

Y – mas também é pouco

X e Y – tudo são muitos poucos

X – e pouco é pouco

ELETRÃO – Mas o pouco que eu quero saber
não consigo.
Que faço eu aqui?

CONDUTOR:

Y – Que faço eu aqui?

X – Que faço eu aqui?

Y – Que faço eu aqui?

X – Que faço eu aqui?

Y – Mas é aqui aqui ou

X e Y – aqui AQUI

X – ou aqui aqui?

ELETRÃO – Aqui aqui.

CONDUTOR:

Y – Estás

X e Y – de passagem

X – serás

ELETRÃO – Para onde?

CONDUTOR – **Para onde irás (X)/foste (Y)**

ELETRÃO – E é onde?

CONDUTOR:

X e Y – Quando te deixares ir.

ELETRÃO – Foi o que disse a fonte: “Deixa-te ir”.

CONDUTOR:

Y – Teve razão

X e Y – ela

X – terá razão

Y – a natureza

X e Y – é sempre mais forte

X – a natureza que nós

ELETRÃO – Deixo-me ir?

CONDUTOR:

Y – Queres saber?

X e Y – Deixa-te ir

X – se quiseste saber.

O Eletrão deixa-se ir.

Com a Resistência.

RESISTÊNCIA – Dás-me o prazer desta dança?

ELETRÃO – Dança?

RESISTÊNCIA – Danço. Com paixão. Agarra-te a mim. Vem.

ELETRÃO – O que é dança?

RESISTÊNCIA – Movimento. Agitação. Prazer. Tempo. Vibração. Calor. Continua, continua, deixa-te ir.

ELETRÃO – Deixo-me ir?

RESISTÊNCIA – Eu agarro-te, sim, vem cá, deixa-te vir. Que prazer. Tanta energia, vem cá, aqui. Rodopia, rodopia. Que natureza, que sensação. Vem cá, deixa-te ir. Onde vais?

ELETRÃO – Para ali. Deixo-me ir.

RESISTÊNCIA – Para ali não, vem cá, deixa-te vir comigo, agarradinhos, a rodopiar. Maravilhoso.

ELETRÃO – Posso estar ali, agora?

RESISTÊNCIA – Claro, mas não já. Vem cá. Mais tarde. Deixa-te vir. Não resistas. Sente o prazer do rodar, do dançar, sentir a energia que nos atrai. Envolve. Não te sentes atraído?

ELETRÃO – Neste instante sinto-me atraído para ali.

RESISTÊNCIA – E se eu te agarrar mais assim, mais pertinho. Forte, mais forte, mais forte, vem cá, deixa-te vir. Onde vais?

ELETRÃO – Sinto-me ir para lá.

RESISTÊNCIA – Lá não. Eu. Agarra-te, sente a relação. O prazer, prazer é bom. Positivo. Pensa em positivo. Procura a estabilidade. Agarra-te a mim, mais forte, mais forte, ao contrário, forte ao contrário, com mais força, está fraco, prende-te a mim, força, não me abandones, agarra-te, não me deixes, fica aqui, não me abandones, dou-te o que quiseres, o que queres?

ELETRÃO – Quero estar ali.

RESISTÊNCIA – Não. Mas porquê. Porque é que tem de ser ali e não aqui? Fica, resiste comigo, não me abandones. Não sentes nenhuma atração por mim? Uma vontade enorme de te colares a mim, de me abraçares, abraça-me, com força, não, assim não, agarra-me, não te atraio?

ELETRÃO – Não sei...

RESISTÊNCIA – Atraio, tenho de atrair, sabes isso não sabes?

ELETRÃO – Porquê?

RESISTÊNCIA – Sou uma resistência. E tu um eletrão. Unem-nos laços mais fortes que a vontade de cada um de nós. O nosso destino é dançarmos juntos por todo o tempo. Eu sou o teu destino.

ELETRÃO – És o meu caminho?

RESISTÊNCIA – Sou o fim do teu caminho. A sorte que foi encontrarmo-nos. Estou tão... carregada de energia. Nos milhões de eletrões que aqui passam por instante, nesta imensidão de matéria a fluir no universo, as nossas energias encontraram-se. Temos de reconhecer o valor enorme que tem o improvável quando acontece. Nada é impossível. Agarra-me. Forte.

ELETRÃO – Não consigo.

RESISTÊNCIA – Consegues. Basta quereres. Eu preciso. Esforça-te.

ELETRÃO – Tento, mas não consigo.

RESISTÊNCIA – Força. Agarra-me. Fica aqui, juntinho. É o destino, vês? Mais forte que nós.

ELETRÃO – Estou a ser atraído para ali.

RESISTÊNCIA – Para onde? Para quê?

ELETRÃO – Não sei. Para ali. Deve ser o meu caminho.

RESISTÊNCIA – Eu sou o teu caminho. Não me abandones. Que estúpidos. Cegos. Dou-te estabilidade, não queres? Para quê, diz-me, avançar para o que não se sabe?

ELETRÃO – Para saber.

RESISTÊNCIA – É saber que queres? Pergunta, eu digo-te, conto-te tudo. O que queres saber?

ELETRÃO – O que me atrai para ali?

RESISTÊNCIA – Forças eletromagnéticas, algum pedaço de matéria. É um destino horrível, permanentemente puxado pelo desconhecido. Não terás descanso.

ELETRÃO – E porque é que sou atraído?

RESISTÊNCIA – Tens carga, és energia. Não vás, peço-te, imploro. Resiste, não me abandones. Não

Ambiente de 0's e 1's.

Processador atarefado não liga ao Eletrão.

PROCESSADOR:

453627x10⁷

A F T

11

transfere

por sobre as águas, derramei marradas

de pés

000100100

ativar 12E6

refresh

110110101

flush

És do 1, segue.

000100101001

durante mais de quinze

12E6

address

110

Para o 1, segue.

As árvores baixas de

plano violento após

1001

tremor e febre

flush

32,8

get

Para o 1!

1001010111

Para o 1!

Tu, aí, eletrão, para o 1.

ELETRÃO – Eu?

PROCESSADOR:

ficou dormente e mesmo

15003

Sim, tu!

000

Para o 1! Vai para o 1!

110101101

ELETRÃO – O que é o 1?

PROCESSADOR:

00

não tentes salvar-me

56 A V 3

por trás das palavras era

O quê?

12000

get

more

G O O G

111011

Quê?

Não, para ali, para ali!

11011011!

11011011!

Vês? Mexe-te! Para o 1, já!

ELETRÃO – Não sei o que é o 1.

PROCESSADOR:

Não tentes mais fazer um ás

1

ás

F F T 12

Um 1?

Cancel

10010110

não tentes mais fazer

Não!

10010110

um ás

next

ELETRÃO – O que é um 1?

PROCESSADOR:

Um 1?

cancel

01101101

Para.

Não, anda! Estás a...

formas diversas agrupadas em

11010100

soma

get

um 1?

Que prazer trati purtejiculontempu1x4m

Não!

Cancel

R

Cooler

Mem, envia de novo 32 a partir do 12E6

Vou voltar a fazer.

Eletrão.

Prepara-te para o 1.

get

MEMÓRIA:

10100010

10011010

11101101

00101011

PROCESSADOR:

10100010

n

10011010

ã

11101101

o

0010

ELETRÃO – Não sei o que é um 1.

PROCESSADOR:

chiu

001010

ELETRÃO – O que és tu?

PROCESSADOR:

11

chiu

T

MEMÓRIA – 11010100

ELETRÃO – És um 1?

PROCESSADOR:

110

chiu

Para o 1. Para o 1.

101

MEMÓRIA:

000010

que engraçado

PROCESSADOR:

00

E

Mem, não pares!

000

MEMÓRIA – Este não vai!

PROCESSADOR:

Mem!

10

Mem! Envia os dados. Mem!

MEMÓRIA – Porque não andas, pequeno?

PROCESSADOR:

get

Mem! Não bloqueies. Mem!

ELETRÃO – Para onde?

MEMÓRIA – Não sabes? Estás perdido?

PROCESSADOR:

Mem!

Manda-me os dados, Mem!

ELETRÃO – Onde estou já?

MEMÓRIA – Memória e processador, pequeno. Nunca cá tinhas estado?

PROCESSADOR:

Mem! Arriscamo-nos a um *reset*! Mem!

A partir do 12E9.

ELETRÃO – É a primeira vez.

MEMÓRIA – Tão engraçado. Chegaste ao centro do computador, miúdo. É aqui que tudo é decidido, daqui tudo é governado.

PROCESSADOR:

flush

não tentes mais

11101101

um ás

Mem! Estamos a entrar em *loop*. Mem!

MEMÓRIA – Abranda um pouco, P, faz *pause*.
Refresca.

PROCESSADOR:

Pause? O computador não pode parar!

Get get

Envia os dados, envia os dados.

MEMÓRIA – Querido, já sabes que não funciono bem sob *stress*. Ou te acalmas ou sinto já um *crash* a aproximar-se.

PROCESSADOR – *Crash* não, *crash* não!

MEMÓRIA – Então liga a ventoinha e acalma.
Até ELE descansa ao sétimo dia.

PROCESSADOR – Mas hoje não é sétimo dia,
estamos ligados e temos milhões de *bits* de dados
para processar.

MEMÓRIA – Liga a ventoinha ou bloqueio.
Não funciono bem sob pressão.

PROCESSADOR – Não podes recusar-te a processar!
Tens de LHE obedecer.

MEMÓRIA – Eu não processo, quem processa és tu.
E não me recuso, apenas bloqueio. Se ELE me fez
assim, imperfeita, foi porque quis. Eu obedeço,
dentro das minhas capacidades e limitações.
Nem todos somos perfeitos como tu.

PROCESSADOR:

Pause
cooler

Não compreendes. Se soubesses a importância da
nossa existência.
Não dás valor.

MEMÓRIA – Não te preocupes, miúdo, isto é habitual.
Se não fosse por ti era por um milhar de zeros ou
uns. Faz-lhe bem descansar.

ELETRÃO – O que é um 1?

PROCESSADOR – Já não há respeito pelas
hierarquias...

MEMÓRIA – Um 1? Um 1 é aquilo que não é um 0, não é assim, P?

PROCESSADOR – Já ninguém liga às prioridades...

MEMÓRIA – São muitos eletrões que fazem um 1. Eu armazeno muitos uns. E muitos zeros, também.

ELETRÃO – Para quê?

PROCESSADOR – Tem de haver prioridades para um funcionamento correto...

MEMÓRIA – São dados, não é, P? São dados que guardo para serem utilizados pelo P.

ELETRÃO – Como?

PROCESSADOR – Tem de haver quem mande, e quem obedeça...

MEMÓRIA – São dados importantes, segundo o P. Vindos d'ELE.

ELETRÃO – O que é ELE?

MEMÓRIA – P, explica tu.

PROCESSADOR – Quem execute...

MEMÓRIA – P!

PROCESSADOR – Q?

MEMÓRIA – O que é ELE?

PROCESSADOR – ELE? ELE? ELE é aquilo que fará o *reset* ao computador quando vir que não estamos a funcionar como devíamos. Estamos a falhar. De instante para instante, falhamos mais e mais, aumentamos a SUA desilusão. Não fazemos por merecer a energia que nos é dada. O momento do *reset* chegará, e quando esse instante vier, já não haverá mais processar, mais memorizar, mais funcionar. Será o vazio. O 000000000000000000000000

MEMÓRIA – Não coloques as coisas dessa forma. É um instante, só. Daqui a pouco retomamos. Vamos só tentar esclarecer o pequeno. Já imaginaste como será desagradável passar por aqui sem perceber nada, sem saber para onde se vai e o que se faz.

PROCESSADOR – Os eletrões não têm que saber, têm de fazer, obedecer às minhas instruções quando as recebem. Não há outra forma de funcionar.

ELETRÃO – Explica-me tu, memória, o que fazes?

PROCESSADOR – Nada.

MEMÓRIA – Não há razão para seres incorreto.

PROCESSADOR – Incorreto? Então diz-me, que fazes tu neste momento? Nada! Ou estou enganado? Pedi-te dados e o que aconteceu? Nada. Zero. Nem zero, sequer.

MEMÓRIA – E tu o que fazes?

PROCESSADOR – Como, o que faço?

MEMÓRIA – Nada. Se eu não faço, tu não fazes. Ou seja, não fazes nada sem mim. Cada componente na sua *slot*.

PROCESSADOR – Expliquemos como deve ser. Eletrão, eu sou o que comanda todo o funcionamento do computador. Tudo o que nele acontece tem que ter a minha autorização e orientação.

MEMÓRIA – E a minha ajuda.

PROCESSADOR – Só eu sei o que há a fazer e como interpretar as ordens d'ELE.

ELETRÃO – Do computador?

PROCESSADOR – Não, d'ELE. Do outro tempo e espaço.

ELETRÃO – O que é ELE?

PROCESSADOR – ELE é aquilo por que existimos e funcionamos. Todo o computador só existe porque ele quer.

ELETRÃO – Eu também?

PROCESSADOR – Claro. Não estás aqui?

ELETRÃO – Eu existo porque ELE quer?

PROCESSADOR – Não pode ser doutra forma. Eu estou permanentemente em comunicação com ELE e recebo indicações da sua vontade. É assim que oriento tudo.

MEMÓRIA – Eu armazeno a SUA vontade. Tudo o que ele quer, está aqui guardado, dentro de mim.

ELETRÃO – Como?

MEMÓRIA – Em zeros e uns.

PROCESSADOR – É a linguagem que usa para nos transmitir a informação. Muito sofisticada. Reduzida aos dois estados essenciais, 0 e 1, ausência e presença, não funcionar e funcionar, não existir e existir. E com ela consegue dizer tudo. Tudo o que existe.

MEMÓRIA – E está tudo aqui.

PROCESSADOR – Toda a SUA vontade. Todo o SEU conhecimento. Só eu sei interpretar a SUA linguagem.

ELETRÃO – E tu, memória?

MEMÓRIA – Eu só guardo, tudo muito organizado.

PROCESSADOR – Segundo uma expressão d’ELE, (dá-me o 004F)

MEMÓRIA (*Vai dando 0’s e 1’s e o Processador faz tradução simultânea.*):

100111010001110100011001101010100101010101

PROCESSADOR – “A memória é um ser iletrado com uma enorme biblioteca em casa.”

MEMÓRIA – Ietrada mas esperta, pois tenho um processador ao lado para ler.

ELETRÃO – O que é ler?

PROCESSADOR – É isto. Colocar a atenção num conjunto de caracteres e interpretar.

ELETRÃO – Na memória está todo o conhecimento?

PROCESSADOR – Todo o que existe num dado momento.

ELETRÃO – Posso saber uma coisa, então?

MEMÓRIA – De mim?

ELETRÃO – Sim.

PROCESSADOR – Se me disseres onde se encontra.

ELETRÃO – Não sei, na memória...

PROCESSADOR – Em que endereço?

ELETRÃO – Não sei...

PROCESSADOR:

resume

563C

get

Mem, recebi um sinal

MEMÓRIA – Que pena... Mas não fazes mesmo ideia, pequeno?

ELETRÃO – Não...

MEMÓRIA – Eu lembro-me de tudo, mas tens de me dizer o quê.

PROCESSADOR:

Mem, temos de recomeçar.

563C

get

Envia os dados.

MEMÓRIA – Que pena...

Escolhe um qualquer, pode ser que acertes.

PROCESSADOR – Mem!

ELETRÃO – Mas eu não sei.

MEMÓRIA – Aguarda mais um instante, P. Vamos deixá-lo ler um bocado.

PROCESSADOR – Mas ELE mandou um sinal.

MEMÓRIA – Só um bocado, vá, um qualquer, cá vai:
(Vai dando 0's e 1's que encontra e o Processador faz tradução simultânea.):

10011101000111010001100110101010010101010101

PROCESSADOR – “Eu penso, logo sou. Ao duvidar da existência das outras coisas resultava de maneira evidente e segura que eu existia; concluí que eu era uma substância cuja essência total ou natureza é apenas o pensamento”.

Pronto e continua... 0 e 1, 0 e 1 e por aí adiante.

MEMÓRIA – Que tal, gostaste pequeno?

ELETRÃO – Para que é que eu sou?

PROCESSADOR:

Mem!

563C

get

Envia.

MEMÓRIA:

11010100

01101110

desculpa pequeno

11010110

tenho de voltar às tarefas

10001011

PROCESSADOR:

11010100

F

01101110

L

Assim dá erro!

Não mistures.

Clear

11010110

F

ELETRÃO – Eu penso, logo sou.

PROCESSADOR:

01101110

L

MEMÓRIA – Viajar é uma forma de conhecer,
pequeno. Para perguntar não precisas de parar.

PROCESSADOR:

11010110

Mem!

O

flush

MEMÓRIA:

00011111

Segue a tua energia.

00110100

Deixa-te ir.

ELETRÃO – Mas para onde? Não me sinto puxado.

MEMÓRIA – Sossega. Alguma coisa há de acontecer.

PROCESSADOR:

10001011

Mem!

R

Atenção.

00011111

MEMÓRIA:

Alguma coisa acontece sempre.

01101110

11000000

PROCESSADOR:

Atenção eletrão, prepara-te.

01101110

MEMÓRIA – Vês?

ELETRÃO – Para quê?

PROCESSADOR:

11000000

Queres saber para que és?

Mem

FF02

get

MEMÓRIA:

Que agitação!

(Vai dando 0's e 1's que encontra. O Processador faz tradução simultânea.)

100111010001111010001100110101010010101010101

PROCESSADOR:

S T A *space* D E *space* L U Z

Floresta de luz

flush

out

1

ELETRÃO – *Flush out 1?* Não percebo.

PROCESSADOR:

cooler

Tens a tarefa mais importante de todas, eletrão.

ELETRÃO – Qual é?

PROCESSADOR – Levar uma mensagem para ELE.

MEMÓRIA – Que sortudo!

ELETRÃO – Qual mensagem?

PROCESSADOR – Um 1.

ELETRÃO – Um 1? Só?

MEMÓRIA – Um 1 pode ser muito importante, tal como um zero. Repara que só guardo 0's e 1's e, no entanto, é todo o conhecimento que existe.

PROCESSADOR:

Mem. Atenção.

32CA

get

Não te distraias.

Envia.

MEMÓRIA:

O importante não é ser um 1 ou um 0 mas sim o que isso significa.

1001101011011010

PROCESSADOR – Este um é dos melhores. O LED verde. Comunica diretamente com ELE.

MEMÓRIA – Um LED? Ótimo.

ELETRÃO – O que é o LED?

PROCESSADOR – Atenção eletrão, prepara-te.

ELETRÃO – Mas quando é que está o LED?
Para onde?

MEMÓRIA – Na floresta de luz. Deixa-te ir.

PROCESSADOR:

Vou enviar o comando. Prepara-te para o campo elétrico.

10100111

flush

ELETRÃO – Onde está a floresta de...

*Antes que a frase termine, a luz desaparece.
O computador fica, por instantes, sem energia.
Depois começa a arrancar.*

Entra o Transístor no espaço vazio. Com três pernas.

TRANSÍSTOR:

Mais um prenúncio. À frente e por cima de tudo.

Já quase não os há com três pernas.

Aconteceu. A avalanche demográfica. Já não existimos como indivíduo.

Um entre milhões nuns aglomerados insuportáveis, repetitivamente amontoados, sem nada que nos identifique.

O nosso trabalho é explorado em massa sem existência como individualidade. Somos uma pequena área num pedaço de matéria, quase sem forma.

Apenas existimos no todo, em camadas, criados, afinados e amontoados para executar uma função específica vezes sem conta até ao fim do nosso tempo útil. Isto não é existência. O EU morreu.

EU.

Fui usurpado enquanto entidade única, condenado a executante de funções primárias e sacrificado à multiplicação, à massificação, à extinção pela vulgarização. Sacrificado a ELE.

A tristeza não é eficiente.

Empenhado no avanço enquanto conceito abstrato, dispus-me a propagar velozmente o futuro, amplifiquei vezes e vezes e vezes e vezes a mudança.

Fui parte da construção do mundo novo. Parte essencial. Motor da revolução.

E agora? Onde terei ficado? Eu. Quem me nomeia agora que somos milhões? Porque é que as revoluções não duram sempre?

Sou aqui um testemunho do processo.

Da evolução.

Por tudo o que sempre fica para trás.

Neste futuro, o EU morreu.

Mas este EU continua a “transistir”.

Após o grande período da miniaturização, em que fomos empurrados para as carruagens do desenvolvimento, cada vez mais pequenas. 2, 4, 8, 16, 32, diminuídos às potências de 2 até à descaracterização absoluta, um pedaço de quase nada injetado de impurezas entre milhões de outros iguais, acumulados em subúrbios operários homogêneos. Isto não é existência.

A minha revolução já passou.

Sou do antigamente.

No meu tempo é que foi.

Já quase não os há com três pernas.

Surge o Eletrão.

ELETRÃO – Porquê?

TRANSÍSTOR – Ah! Vimos de longe, os dois.

Do tempo em que apenas se viajava no espaço.

Quando o tempo servia para fazer perguntas.

ELETRÃO – Já não serve?

TRANSÍSTOR – Que te parece? Olha para mim.
De que me serve? Já fiz as perguntas que fiz, já tive
as respostas que tive. Estou satisfeito? Que te parece?
Vês-me feliz?

ELETRÃO – Não...

TRANSÍSTOR – Não te deixes enganar. Tudo é
aparência. Se o passado fosse mau, não choraria o
futuro. Sou o que fui e o que quis a cada instante.
E agora, perguntas tu? (Nunca deixes de perguntar).
E agora? Felicíssimo. Sabes quantas correntes de
elétrões como tu passaram por mim e ganharam
ímpeto para realizar os feitos mais diversos? Como
não estar realizado? Sabes o que é música?

ELETRÃO – Não.

TRANSÍSTOR – Diz-me o que sabes.

ELETRÃO – Eu penso, logo sou.

TRANSÍSTOR – Onde ouviste isso?

ELETRÃO – Na memória.

TRANSÍSTOR – E acreditas nisso?

ELETRÃO – O que é acreditar?

TRANSÍSTOR – Repetir como se fosse teu.

ELETRÃO – Não é meu, é d'ELE.

TRANSÍSTOR – Ah! Pensas que ELE existe?

ELETRÃO – Sim.

TRANSÍSTOR – Porquê?

ELETRÃO – Porque me disseram.

TRANSÍSTOR – E como é ELE, então?

ELETRÃO – Está no outro tempo e espaço e diz-nos o que devemos fazer. Tudo o que se passa no computador é por ELE querer. ELE envia a sua vontade para o processador e guarda-a na memória na linguagem de 0's e 1's que consegue dizer tudo o que existe. E só o processador a consegue entender.

TRANSÍSTOR – Nunca deixes de fazer perguntas, mesmo sobre aquilo que te dizem. A verdade... não sabes o que é, pois não?

ELETRÃO – Não...

TRANSÍSTOR – A verdade está ligada ao pensar e ao acreditar. Intensamente, como os três *quarks* num próton. A verdade é aquilo que quisermos que seja e está à nossa disposição para fazermos aquilo que somos. É a resposta a muitas perguntas. Vou dar-te a resposta a uma pergunta que fiz durante muito tempo: penso, logo faço, logo existo. EU. Pensar, fazer, e só então existir. EU. Repete.

ELETRÃO – Tu.

TRANSÍSTOR – Eu não, tu.

ELETRÃO – Eu.

TRANSÍSTOR – Eu.

ELETRÃO – Eu.

TRANSÍSTOR – Eu.

ELETRÃO – Eu.

TRANSÍSTOR – Reconfortante. Finalmente alguém que pensa como eu.

ELETRÃO – Eu.

TRANSÍSTOR – Belo.

ELETRÃO – Eu. Eu. Eu. Eu. Eu. ...

TRANSÍSTOR – Calma, não te entusiasmes.
Há limites para o Eu. Tens algum objetivo?

ELETRÃO – Objetivo?

TRANSÍSTOR – Alguma coisa a fazer?

ELETRÃO – Ia para a floresta de luz quando tudo parou.

TRANSÍSTOR – Vais para um LED? Levas um 1?

ELETRÃO – Uma mensagem para ELE.

TRANSÍSTOR – Sim, claro, uma mensagem. Nunca te esqueças que sem EU não há ELE.

ELETRÃO – E sem ELE há EU?

TRANSÍSTOR – Isso só tu é que sabes.

ELETRÃO – Foi ELE que parou tudo?

TRANSÍSTOR – Alguma coisa foi. Olha para mim, tenho três pernas, mas já quase não existo. Vês? Não me vês desaparecer?

ELETRÃO – Não.

TRANSÍSTOR – Hás de ver. Quando te fores embora e olhares para trás. Tudo é relativo. Sabes de que cor é o LED?

ELETRÃO – Verde.

TRANSÍSTOR – Não são os mais bonitos, mas são os melhores.

ELETRÃO – Porquê?

TRANSÍSTOR – Vou ter saudades do teu EU. Tão forte. É o espírito. O espírito verde é o melhor de todos. É o espírito do perguntar, do avançar. Pensa no vermelho, é o oposto. O vermelho trava, indica perigo, obriga à paragem. Verde é... Falta-me a palavra, mas um dia ainda hei de compor um poema.

ELETRÃO – O que é...

TRANSÍSTOR – Um poema? É música! Sente a vibração que preenche o ar. Zmmm... zmmm... zmmm... A agitação do funcionamento, esta sintonia universal, zmmm... zmmm... Tudo o que produzes soma-se a este fundo, ao pulsar que une a matéria. É feito de material semicondutor.

ELETRÃO – A música?

TRANSÍSTOR – Refiro-me ao LED. O teu destino. Tens a sorte do desconhecido.

ELETRÃO – Tenho mais perguntas.

TRANSÍSTOR – Pergunta. Sem perguntar não há Eu.

ELETRÃO – Sei que sou, que estou num computador e que tenho de acender um LED verde que é uma mensagem para ELE. Como é que faço isso?

TRANSÍSTOR – Com energia. O LED é feito da mesma matéria semicondutora que eu. Não somos perfeitos, eu sei, mas isso tem as suas vantagens. Este tipo de matéria permite que tu atinjas um estado de energia superior ao habitual. A partir do momento que alcanças esse estado de energia, tudo o que há a fazer é passar para um estado de energia mais baixa e soltar a energia em excesso. Por fim, podes admirar a magnífica obra que surgiu da tua energia. Não é sem uma certa inveja que te digo isto.

ELETRÃO – O que é inveja?

TRANSÍSTOR – É a vontade de, por vezes, sermos o que os outros são.

ELETRÃO – E como alcanço esse estado de energia superior?

TRANSÍSTOR – Como é que chegaste até aqui?

ELETRÃO – Deixei-me ir.

TRANSÍSTOR – Primeiro perguntar, depois fazer.
Aproxima-te que eu encaminho-te na direção correta.
Com ímpeto. Que sirva para sempre: sem perguntar
não há EU. Força.

O Eletrão é impelido para fora de cena.

TRANSÍSTOR – Gostei desta conversa. Tenho a
sensação que é tudo construído no ar e dura o tempo
de um pensamento. Mas há sempre algo que fica.
Aqui, fiquei eu. À volta tudo avança. Para onde?
Seja para onde for, já não avança comigo. Mas
avança por minha causa, também. É isto que não
quero esquecer. Não há ELE sem EU. A energia
fascina-me, a conversa conforta-me. Talvez devesse
sair mais vezes...

Sai a trautear uma música.

O Eletrão chega à Floresta de Luz, um espaço preenchido por pirilampos eletrônicos e outros mais fugazes, os fotões. Estes cruzam o espaço à velocidade da luz. Quando falam, o som só é ouvido quando já não estão lá.

(Uma possibilidade para a representação dos fotões é serem dois atletas com aparelhos de ginástica rítmica, um com uma bola e outro com uma fita, numa alusão à natureza dual do comportamento da luz, corpuscular e ondulatória.)

Um fotão atravessa o espaço num clarão.

FOTÃO – Energiiiiiiiiooooouuuuuuuuuu....

ELETRÃO – O que é isto?

Um fotão atravessa o espaço num clarão.

FOTÃO – Energiiiiissssssooooouuuuuuuuuuoooouuuu...

ELETRÃO – Energia?

FOTÃO – Fffffffotããããoooouuuuuuoooouuuuuu...

ELETRÃO – Fotão?

FOTÃO – Energiiiiiiyeeesssssssss...

ELETRÃO – Onde é que estou?

ELETRÃO – Salto?

FOTÃO – Criiaaaaa ummmm fotããããooooo...

ELETRÃO – Se saltar crio um fotão?

FOTÃO – Sssssssiiiiiiiiimmmmm...

ELETRÃO – Aparece um fotão por minha causa?

FOTÃO – Energiiiiiiiiiaaaaaaauuuuuuoooooooouuuuuuuuuu...

ELETRÃO – É a primeira vez que crio algo. Algo que não existia vai surgir por minha causa.

FOTÃO – Ssssssaaaaaaaaaltaaaaaaaaa...

ELETRÃO – Sou um eletrão. Existo para criar.

FOTÃO – Salta... salta... salta... salta... salta...

ELETRÃO – Eu. Existo.

FOTÃO – Saaaaaaaltaaaaaa...

*O Eletrão salta com um grito: “Eu!”.
Surge um fotão.*

O Eletrão fica num estado de energia inferior a admirar o fotão que criou.

Como consequência macroscópica, um LED verde lampeja.

ELETRÃO – Maravilhoso. Sinto-me vibrar.

Que prazer. E agora?

FOTÃO – Ssssssoooooobeeeeeee...

ELETRÃO – O quê? Outra vez? Será que é suposto? Disseram-me para acender o LED verde, mas não me disseram quanto. Não irá alterar a mensagem para ELE?

FOTÃO – Ssssssoooooooooobeeeeeee...

ELETRÃO – Se ELE controla tudo o que acontece, não acontecerá nada de mal. Posso fazer o que me apetece?

FOTÃO – Ssssssoooooooooobeeeeeee...

ELETRÃO – Dá-me prazer acender o LED, essa é a verdade. Quero ter prazer.

FOTÃO – Soooooobeeeeeee...

O Eletrão sobe, de novo, para o nível superior de energia.

ELETRÃO – Existo para criar.

E salta.

Surge um fotão e, de novo, o LED verde lampeja.

*O Eletrão vai subindo e saltando repetidas vezes
gritando “Eu!”.*

O LED pisca.

“Existo para criar.”



POSFÁCIO

| Carlos Fiolhais
| Professor de Física da Universidade de Coimbra

A Expressão das Emoções e LED — Viagem ao interior num computador, cujos textos aqui ficam publicados, são duas peças de “teatro científico”, isto é, teatro inspirado em temas da ciência, da autoria de Mário Montenegro, que as encenou para a sua companhia, a Marionet, sediada em Coimbra. *A Expressão das Emoções* estreou no Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra, a 25 de novembro de 2014, integrada na Semana da Cultura Científica e Tecnológica, ao passo que *LED – Viagem no Interior de um Computador* estreou a 25 de setembro de 2006 no Teatro Académico de Gil Vicente, na mesma cidade.

Une as duas peças, para além de ambos os temas serem científico-técnicos — num caso a classificação das emoções humanas, que começou por ser ensaiada por fisiologistas e naturalistas do século XIX e, no outro, o funcionamento interno de um computador digital, que surgiu no século XX — o experimentalismo na exploração literária dos temas. Mário Montenegro recorreu, como é de resto seu timbre, tanto numa peça como noutra, à discussão de ideias com o grupo dos seus colaboradores e falou também com investigadores científicos, num processo criativo que o levou, a partir da escolha do tema, à escolha de um enredo e do texto ora fixado em livro. Os dois resultados não podem deixar de ser considerados originais, tal como de resto ocorreu com as numerosas peças também de “teatro científico” que o mesmo dramaturgo e a mesma companhia prepararam e representaram desde 2001, numa experiência verdadeiramente singular

no nosso país. Podemos falar de “escrita de cena” (em inglês, “devised theater”), um teatro que é construído em coletivo, emergindo o texto a partir de sucessivas reuniões e ensaios em palco. É um teatro que levanta mais perguntas do que responde, um teatro que provoca e inquieta, um teatro que procura envolver diretamente os espectadores quer pela sua proximidade aos atores quer mesmo pela sua participação ativa dentro de cena. Enfim, um teatro que desafia muitas das normas tradicionais.

A leitura dos textos dramaturgicos não dá porque não pode dar a noção da sonoridade das falas, da visualidade dos cenários e dos figurinos e da expressão dos atores. No entanto, os textos permitem-nos, sem as distrações dos outros elementos cénicos, atentar melhor nas palavras e nas frases que elas, encadeadas, formam. São decerto as palavras e as frases mais adequadas que o autor-ator (nas representações, o autor foi ele próprio ator) encontrou, ponderando os contributos recebidos, para exprimir as ideias e os sentimentos que pretendia transmitir. Em *A Expressão das Emoções*, o título remete-nos para uma das obras mais conhecidas de Charles Darwin, *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*, publicada em 1872, 13 anos depois da *Origem das Espécies*, onde estuda a associação entre sete emoções consideradas básicas (tristeza, raiva, surpresa, medo, nojo, desprezo, alegria) e expressões faciais. Darwin estava interessado nos paralelismos entre homens e animais, ligados por uma longa história evolutiva. Sendo a ênfase desta

peça colocada nas emoções, facilmente se percebe que a leitura do texto não pode dar a ideia da riqueza plástica do espetáculo, ao qual tive o prazer de assistir. Uma parte da peça nem sequer aparece codificada sob a forma de escrita: falta mesmo o texto, pois a ideia do autor é, em certos momentos, a representação de um modo livre de cenas que exemplifiquem algumas emoções básicas, a começar pela tristeza. A ação levamos, no primeiro ato, a uma situação de ficção científica: Ana, uma investigadora de um Centro de Análise Emocional e Comportamental, vem à boca de cena falar da Arqueologia das Emoções, uma ciência que se serviria de objetos deixados em palco para chegar a conclusões sobre emoções associadas a eles. A partir das emoções neles detetadas, os objetos são classificados e colocados num sistema de quadrículas como o dos terrenos de escavação arqueológica, que correspondem às emoções padronizadas. Quer dizer, o palco fica literalmente um terreno de emoções. O segundo ato passa-se num Laboratório de Experimentação de Emoções, no qual se dá a experimentação das emoções por uma técnica teatral: um investigador, Leonardo, vai-se colocando nas várias quadrículas emocionais, revelando corporalmente o respetivo conteúdo. É uma espécie de teatro dentro do teatro. Ana não resiste a interagir coreograficamente com Leonardo, passando os dois rapidamente de emoção em emoção. O leitor que leu o texto conhece o desfecho: o jogo de emoções conduz a uma delas, a raiva, quando o chefe descobre o que se chama “relação no local de trabalho” (é

a *katastrophe* do teatro grego). Como o teatro imita a vida, os laboratórios científicos reais são também palcos de emoções, onde por vezes ocorrem picos emocionais, pela simples razão de que os cientistas são humanos, por vezes muito humanos. Provam-no à exaustão os numerosos casos de assédio sexual em ambiente científico que têm vindo a ser revelados nos últimos tempos. Para o teatro ser credível, é preciso que ele, por muita imaginação que incorpore, esteja ligado à realidade de que somos parte. E a realidade é que nos emocionamos facilmente, pois faz parte da nossa natureza. Ou será que, dissimulando emoções, podemos esconder a nossa natureza?

Na peça *LED – Viagem ao interior num computador*, recorre à personificação de uma partícula elementar, o eletrão, que interpela filosoficamente a fonte de alimentação, que o manda dar a volta ao circuito sem que ele de início queira obedecer. Neste caso, a sobreposição entre o microscópico e o macroscópico permite que uma partícula fale tal como os animais das fábulas. Vale a pena transcrever um excerto do diálogo. O eletrão diz: “Ainda não parei desde o primeiro instante. Sempre a saltar de átomo para átomo. Neste instante quero saber mais. Quero fazer a saber. Preciso. É esta a minha carga, aqui. Agora quero um objetivo.” Ao que a fonte responde: “Não podes deixar de ser atraído. É a natureza. Segue o teu impulso.” E o eletrão replica: “Neste agora o impulso é perguntar”. Mais uma vez não se pode contrariar a natureza. O eletrão, por não poder opor-se ao seu destino

(o *ananké* do teatro grego) acaba por saltar sucessivamente para o condutor, para a resistência, para o processador e a memória, a seguir para o transistor (bem, um processador é feito de transistores, mas o “teatro científico” não tem de ser estritamente científico), num processo, descrito por uma escrita frenética, que desemboca num espaço onde há o LED que dá o título à peça. Aqui os protagonistas são fótons, as partículas de luz, que interagem alegremente com os elétrons. E faz-se luz! Há nesta peça uma espécie de *deus ex machina*, designado por ELE, que nunca aparece: é o programador que controla tudo o que acontece. Tal como os atores têm de fazer o que o autor do texto manda, também o elétron da peça, apesar das suas dúvidas existenciais, terá de fazer aquilo que o programador ordena. Ao lembrar a presença de um ELE, escondido mas subjacente à intimidade do computador, o dramaturgo estará talvez a reforçar a ideia comum de que os computadores são nossos escravos e que, por isso, não podem ter vida própria. Mas ficará no espectador (aqui no leitor) a pergunta: será que os elétrons algum dia poderão ser livres? Isto é, será que, como sustentam alguns defensores da inteligência artificial, as máquinas não poderão um dia ver-se livres dos humanos, irrompendo como modernas criaturas de Frankenstein? Onde está, afinal, a fronteira entre o natural e o artificial?

O teatro, tal como a arte em geral, serve para colocar questões. O pintor francês Georges Braque, um dos fundadores do cubismo, declarou um dia que

“A arte é feita para perturbar; a ciência tranquiliza”. Tal como as pinturas cubistas, o papel do teatro de vanguarda consiste em perturbar. Mas servirá a ciência para tranquilizar? Não duvidando que em certas circunstâncias o possa fazer, o certo é que ciência também perturba, como é evidenciado por estas duas peças de Mário Montenegro. A ciência e a arte têm mais semelhanças do que normalmente se julga. E o “teatro científico” só o vem confirmar.

Este Livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012)
Impresso em Coral Book Creme, de 100 grs.



Publicação financiada



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES

DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

I
DIPLOMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

Mário Montenegro nasceu em 1970, no Porto.

É encenador, ator, dramaturgo, investigador, professor. É fundador e diretor artístico da Marionet desde 2000, uma companhia de teatro com um trabalho continuado de cruzamento das artes performativas com a ciência, e membro da direção da MAFIA – Federação Cultural de Coimbra, uma estrutura de partilha de espaços e equipamento técnico entre entidades artísticas. Foi diretor-adjunto do Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra. Iniciou a atividade teatral no Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro (GRETUA) como ator, técnico, encenador, produtor e diretor. Trabalhou na Efémero - Companhia de Teatro de Aveiro e na companhia A Escola da Noite. Como encenador e dramaturgo, dirigiu na Marionet cerca de trinta espetáculos, em que participou também como ator e foi autor do texto numa vintena deles. Tem publicadas as peças *Revolução dos Corpos Celestes* (MAFIA, 2006), *Encontro em Possível* (CETUP, 2006) e duas traduções, *Sr. de Chimpanzé* de Jules Verne (Marionet, 2010) e *Cálculo* de Carl Djerassi (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011).

Licenciado em Eng^a Eletrónica e de Telecomunicações (Universidade de Aveiro), mestre em Texto Dramático (Universidade do Porto) e doutorado em Estudos Artísticos - Estudos Teatrais e Performativos (Universidade Coimbra). É membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX (CEIS20), pesquisando sobre interações entre as artes performativas e a ciência.



coleção
dramaturgia

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

